

Roteiro da Música Brasileira

José da Veiga Oliveira

Escrever a História da Música Brasileira, das origens aos nossos dias, significa tarefa intelectual das mais árduas, complexas, perigosas e difíceis que se possa imaginar: uma autêntica aventura do espírito. Já se disse que o Brasil não tem memória. Dá-se, no caso da música, a séria agravante de lidarmos com uma arte que depende da partitura, manuscrita ou impressa. Mas a partitura, a rigor, não é música: apenas um conjunto de sinais gráficos a guiar o (s) intérprete (s). A realidade da música somente se torna funcional quando da execução ao vivo, ou gravada em disco e fita. E para complicar mais ainda os já complexos problemas, é certo que a música vive da interpretação. Cabe ao intérprete realizar a música. Um artista no verdadeiro sentido da palavra chega até mesmo a suprir certas desigualdades técnicas e inspiracionais. Ora, quantas vezes deixamos enganar em termos de estimativa por culpa de executantes mal equipados, indiferentes, falhos, desatentos?

Outra enorme dificuldade está nos textos fora de alcance. Sabe-se vagamente que tal ou qual compositor produziu esta ópera, aquela missa, aquele concerto. Mas onde consultar-se partituras? Como julgar a qualidade da música?

Além disso, ler música nunca será o melhor caminho para atingir a essência do fenômeno artístico.

Salvo engano, atualmente não existe uma história da música brasileira. Os livros de Mário de Andrade, Renato Almeida, Luiz Heitor, em princípio ultrapassados em termos de estilo, perspectiva, informação, apesar do valioso repositório de informes e pareceres, não podem em absoluto, satisfazer a sede de conhecimentos do leitor, mesmo porque às vezes oferecem estimativas unilaterais e subjetivas, envoltas em digressões filosóficas e livrescas difíceis, ásperas, para não dizer insuportáveis.

Surge agora, editada pela Movimento, de Porto Alegre, em convênio com o Instituto Estadual do Livro do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, e com o Instituto Nacional do Livro do Ministério da Educação e Cultura, a *História da Música Brasileira dos Primórdios ao Início do Século XX*, de Bruno Kiefer, gaúcho, musicólogo, compositor, professor da Universidade Federal do RS, autor de importantes trabalhos que enriquecem nossa parca bibliografia especializada. Homem de vasta cultura estética e geral, Kiefer participa ativamente de congressos, seminários de estudos, proferindo cursos, palestras, conferências nas principais cidades do Brasil.

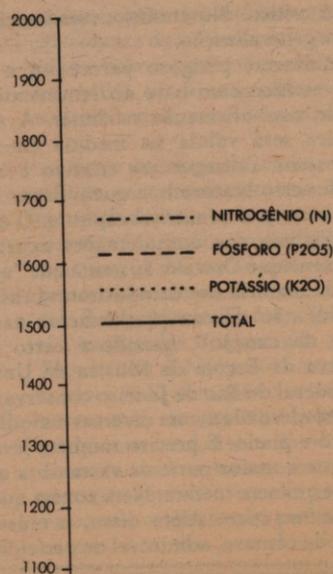
O livro conclui com análises da vida e obra de Ernesto Nazareth (1863-1934), Alberto Nepomuceno (1864-1920), Henrique Oswald (1852-1931), Glauco Velasquez (1884-1914), Francisco Braga, representativos do estilo pós-romântico. Alguns, iniciadores conscientes do nacionalismo.

Sintética, informativa por excelência, a obra apresenta-se em termos claros, diretos, concisos, sem pedantismos dogmáticos. Impossibilitado, pela própria extensão da matéria, de examinar em profundidade as partituras de nossos autores, o autor não poderia escolher outro caminho senão a informação genérica da música brasileira no período abordado, ficando para mais tarde, quem sabe, a redação dum tratamento exaustivo, minucioso, alentado.

Mas dentro da síntese didática, é notável o esforço do autor. Não é o impossível e frio analista de gabinete, o sonolento musicólogo de poltrona que pontifica do alto de sua sabedoria. Ao contrário, com elogiável modéstia classifica seu livro de "tentativa", a servir "de

que os retornos obtidos como produto agrícola. Os defensivos (pesticidas, herbicidas, fungicidas, bactericidas, acaricidas, nematocidas, etc.) são um meio eficiente para garantir a produção no campo e para impedir sua perda depois da colheita; vêm sendo, entretanto, combatidos por muitos ambientalistas preocupados com a concentração de alguns resíduos em níveis tróficos elevados das cadeias alimentares, o que poderia causar dano e morte a animais e ao homem. Exceto em casos isolados, o perigo é mais remoto que atual.

As bases científicas para a tecnologia e o uso de fertilizantes foram lançadas há pouco mais de um século depois que o trabalho do francês Boussingault, do suíço Saussure e do alemão Liebig, estabeleceu definitivamente que as plantas se alimentavam do carbono do ar, do hidrogênio da água, do oxigênio do ar e da água e dos minerais extraídos do solo. Tais minerais são hoje reconhecidamente os seguintes: nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio, enxofre, boro, cloro, cobre, ferro, manganês, molibdênio e zinco. As leguminosas, quando têm sua economia nitrogenada depen-



CMP J.2.4.20